

## **Resistência cultural africana religiosa nos pontos de Zé Pelintra \***

**Carla Regina Santos Paes**

Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura – Universidade da Amazônia (UNAMA),  
Belém, Pará

 <https://orcid.org/0000-0001-6982-0398>  
E-mail: [cpaes0407@gmail.com](mailto:cpaes0407@gmail.com)

**Douglas Junio Fernandes Assumpção**

Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém, Pará

 <https://orcid.org/0000-0001-5048-6692>  
E-mail: [rp.douglas@hotmail.com](mailto:rp.douglas@hotmail.com)

**Analaura Corradi**

Doutora em Ciências Agrárias em Agroecossistemas Amazônicos – Universidade Federal  
Rural da Amazônia (UFRA), Belém, Pará

 <https://orcid.org/0000-0003-0432-1875>  
E-mail: [corradi7@gmail.com](mailto:corradi7@gmail.com)

**Resumo:** Nas religiões afro-brasileiras, as cantigas são elementos importantes e em cada uma delas há uma narrativa significativa para os seus personagens e demais envolvidos nesse processo de oração. Tem-se como objetivo compreender, através dos pontos cantados de Zé Pelintra, as marcações de negritude, resiliência e as suas relações socioculturais da população brasileira. A metodologia atua em 38 dos pontos cantados sob os fundamentos da análise de conteúdo de Bardin (2016) estabelecendo as relações socioculturais existente nos pontos. Relata-se que apesar de serem atemporais em suas criações os pontos salientam em suas marcações de negritude e resiliência comprovando passamentos de momentos de pedidos e demandas com fê, força e humildade.

**Palavras-chave:** Religiosidade Africana; Umbanda, Zé Pelintra; Pontos; Relações socioculturais.

### **African religious cultural resistance in Zé Pelintra points**

**Abstract:** In Afro-Brazilian religions, songs are important elements and in each of them there is a significant narrative for their characters and others involved in this prayer process. The objective is to understand, through the sung points of Zé Pelintra, the markings of blackness, resilience and their sociocultural relations of the Brazilian population. The methodology operates in 38 of the points sung under the foundations of Bardin's content analysis (2016) establishing the sociocultural relations existing in the points. It is reported that despite being timeless in their creations, the points stand out in their markings of blackness and resilience, proving the passage of moments of requests and demands with faith, strength and humility.

**Keywords:** African religiosity; Umbanda, Zé Pelintra; Points; Sociocultural relations.

**Texto recebido em: 16/03/2023****Texto aprovado em: 10/05/2023**

## **Introdução**

Nas religiões afro-brasileiras, as cantigas são elementos importantes de saudações, homenagens, pedidos e agradecimentos, e, em cada uma delas há uma narrativa significativa para os seus personagens e demais envolvidos nesse processo de oração. Desta forma, este estudo tem como objetivo compreender, através dos pontos cantados de Zé Pelintra, as marcações de negritude e resiliência e as suas relações socioculturais da população brasileira.

A integração cultural e doutrinária dos africanos que vieram como escravizados, dos indígenas e dos europeus deram origem no Brasil às religiões afro-brasileiras<sup>1</sup> entre os séculos XVI e XIX. O eixo desta pesquisa são os pontos cantados de seu Zé Pelintra<sup>2</sup> utilizados nos rituais da Umbanda, que é uma doutrina que se originou dessa junção. Portanto, esse estudo se fundamentará apenas sobre seus dogmas e cultos.

Para contextualizar a origem da Umbanda<sup>3</sup>, Saraceni (2017) informa que o primeiro terreiro de Umbanda (Centro de Umbanda Nossa Senhora da Piedade) e a própria religião foram instituídos após o caboclo Sete Encruzilhadas incorporar em um médium chamado Zélio Fernandino de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. Embora tenha sido fundada nessa data, apenas em 18 de maio de 2012 foi reconhecida como religião no Brasil.<sup>4</sup>

Seu Sete Encruzilhadas incorporado, disse que a partir daquela data estaria estabelecida uma nova crença e que nela não haveria lugar para nenhum tipo de segregação, mas sim, para a inclusão de todos, tanto da parte dos encarnados quanto dos desencarnados. (SARACENI, 2017).

Segundo Barbosa Júnior (2014) os ritos umbandísticos são constituídos com bases nos conhecimentos africanos (Orixás), europeus (ícones católicos), indígenas (pajelança e caboclos), espíritas (doutrina kardecista) e orientais (ciências orientais). O Amor, a Caridade e a Humildade são os pilares que a fundamentam. Acreditam em Deus (Zambi) e reverenciam aos Orixás e os guias espirituais.

Ainda conforme o autor, a Umbanda, tem como constituição, cultuar às divindades africanas (os Orixás) e seus subservientes: Erês (as crianças), Caboclos, Pretos Velhos e Exus. Todos devidamente estruturados em linhas<sup>5</sup> e que possuem características, funções maneiras distintas de trabalhar; porém todas elas agem segundo as ordenanças das forças que regem toda a natureza, que são denominados de Orixás.

Pacco (2020) diz que na Linha de Malandro<sup>6</sup>, há uma entidade denominada Zé Pelintra, que juntamente com a sua Falange<sup>7</sup> pode atuar em todos os campos vibracionais e linhas da Umbanda, juntamente com Exus, Caboclos, Pretos-velhos com a intenção de auxiliar tanto espiritual quanto materialmente a quem vier pedir ajuda. Seu Zé é muito conhecido como o “Bom Malandro”, “Mestre da Jurema”<sup>8</sup> ou “do Catimbó”.<sup>9</sup>

Para que as atuações dos guias possam ocorrer, Trindade (2017) explica que são realizadas práticas ritualísticas denominadas como Giras, em que basicamente são utilizadas as defumações e os pontos cantados. Ambos são feitos para que o espaço seja limpo energeticamente, para que a vibração de todos os que estão presentes seja canalizada para a positividade, facilitar as incorporações dos médiuns e ajudar os participantes a entrarem em boa sintonia com os guias espirituais que virão trabalhar em prol daqueles que procuram os terreiros porque precisam de algum tipo de amparo.

Os pontos cantados, que nada mais são que rogativas musicalizadas, utilizadas tanto para trazer quanto para encaminhar os guias para que voltem de onde vieram. Dependendo do costume de cada terreiro, poderão vir (ou não) acompanhados de instrumentos de percussão, palmas, batidas de pés.

Os pontos cantados não têm autoria definida, nem temporalidade, pois não se pode afirmar ao certo quando ou onde foram criados, pois o que se sabe é que são passados de geração em geração pela oralidade, ou seja, pode-se dizer que teoricamente são muito antigos e cantados por entidades que viveram nas senzalas, destaca-se que as senzalas era um local de união de várias etnias africanas, portanto, segundo Andrade Junior (2013), havia a possibilidade de união de várias formas de manifestações culturais e um espaço de encontros. Onde as sociabilidades integraram nesses espaços os variados terreiros que firmou e estruturou ideias comuns, ritos, danças, luta de capoeira, entre outros, potencializando como locais de resistências. Ainda extrapolando os espaços físicos

deve-se ressaltar, conforme Marques (2017), todo um processo de miscigenação das etnias e culturas, não só as africanas, mas as indígenas e dos caboclos brasileiros e dos europeus, judeus e mouros no contexto de formação da religião Umbanda. Entre essas manifestações eles cantavam na época apresentando as situações que viviam nas senzalas/terreiros, de opressões, de lutas, de resiliências.

Os cantos são divididos em pontos de raiz, que são aqueles trazidos pelas próprias entidades e terrenos, que são aqueles produzidos por pessoas encarnadas, que apresentam aos guias para que esses autorizem (ou não) a sua utilização para vários tipos de finalidades, como por exemplo: pontos de chegada e despedida<sup>10</sup>, contrademanda<sup>11</sup>, de firmeza<sup>12</sup>, de homenagem<sup>13</sup>, de segurança ou proteção<sup>14</sup>, de vibração.<sup>15</sup>

Em 1908, com a fundação da Umbanda no Brasil, esses pontos tornaram-se mais conhecidos, outros surgiram, alguns foram se modificando ao longo dos tempos e, com essas transformações, pontos cantados que antigamente levavam a determinadas reflexões, hoje talvez levem à outras totalmente distintas.

Em algumas literaturas, o objeto desta pesquisa é denominado como ponto cantado, devido a musicalização e letra que cada um tem. Porém, neste estudo, todos serão chamados apenas de pontos porque se trabalhará essencialmente com a análise de conteúdo de suas letras e não se abordará as suas musicalidades.

Desde a fundação da Umbanda, passando por 2012, data de quando passou a ser considerada religião, até agora (século XXI), assim como, as demais religiões afro-brasileiras todas são marcos de ações de negritudes, resistências, e resiliências, e considerando a evolução sociocultural e histórica do Brasil pode-se demarcar momentos entre si que se relacionam e representam.

Destaca-se que devido à grande diversidade, dinamismo, adequação em relação às suas origens, concepções, formas ritualísticas de se apresentar, percebe-se que não há uma, mas sim, profusas maneiras de se praticar a Umbanda. Por essa razão, alguns autores a denominam de “Umbandas”.<sup>16</sup>

### **Zé Pelintra e seus pontos**

Na etimologia Iorubá, o Exu é o orixá das contradições e ambiguidades. É energia, é movimento, é o comunicador, é o intermediário entre os homens e os

outros orixás, é quem abre as portas e os caminhos. Dentro dos cultos africanos e afro-brasileiros nada se faz sem sua permissão, assim sendo, ele pode ser bom ou mau, paixão ou religião, da Umbanda ou da Quimbanda, da linha das almas ou do povo da rua. (PAES, 2020).

Entretanto, existe uma diferença na própria Umbanda entre a Entidade e o Orixá Exu. Veras (2016) explica que, a entidade dispõe dos médiuns como cavalos<sup>17</sup> para aconselhar, cuidar, solucionar problemas, enfim, ajudar aqueles que necessitam e procura por auxílio, como uma forma de evoluir espiritualmente. Nesse caso, faz parte do Povo de Rua, e, tem o Exu como elemento masculino e a Pombogira, como elemento feminino.

Já o Orixá Exu, na Umbanda, ainda de acordo com o autor, não incorpora<sup>18</sup> para fazer acolhimentos nem cuidar de ninguém. Ele envia seus representantes para fazerem as consultas e atendimentos necessários àqueles que precisam. É o mensageiro e tem o feminino e o masculino consigo.

Visualizando essas características e dentre as representações conhecidas, quem se encaixa perfeitamente nessas descrições é seu Zé Pelintra. Malandro nascido no Nordeste, mas que foi parar na cidade do Rio de Janeiro e por lá viveu até ser assassinado e ir parar no Catimbó. Que pode atuar em qualquer ritual e linha de trabalho dos cultos afro-brasileiros. (PACCO, 2020).

Pacco (2020) explica que em vida Zé Pelintra foi um homem decente, respeitoso, honrado. Era um boêmio, enquanto dono de uma enorme alegria de viver e amar, porém, nunca foi dono de nada, além de suas vestes.

O fato é que o *guarda-roupa* do malandro, se assim nos podemos expressar, metaforicamente, acerca das variações de estilo e da multiplicidade de ornamentos que paramentam a personagem, é extremamente rico em simbolismos e significados sociais. Ele denuncia as mudanças de *status* pelas quais passou a sua identidade. A predominância de um certo estilo de roupa, com suas cores, material utilizado, quem a utiliza, como a utiliza, qual a justificativa para tal utilização, enfim, são algumas perguntas que vão surgindo quando se descobre, por trás da imagem elegante do malandro de terno de linho branco, a representação de outros malandros, outras roupas e outros significados sociais. (ROCHA, 2006, p. 142).

Hoje, é uma entidade repleta de metáforas – desde o seu nome até a sua fama de malandro, de marginal – não age com falsos moralismos nem inflexibilidades, não discrimina nada (cor da pele, classe social, títulos) nem

ninguém. Pelo contrário, procura quebrar todos esses tipos de preconceitos que vai encontrando pelo seu caminho. Isto é, Seu Zé Pelintra é sinônimo de malandragem, de transgressão de superação.

Segundo Mendonça (2019, p. 23), a entidade Zé Pelintra é o:

Advogado dos pobres e doutor das doenças da alma do corpo e do espírito, mestre da jurema, exu na Quimbanda, preto velho na linha das almas, Malandro, boêmio, charmoso, cantador, elegante, romântico, conquistador, feiticeiro, mandingueiro, orador, rezador, catimbozeiro, dono da magia, alegre, dançarino, jogador, amigo fiel de todas as horas, jogador, amante, mulherengo, defensor dos feitiços e das magias negativas enviadas principalmente aos seus médiuns e aos que lhe rodeiam de uma forma ou outra, seja com oferendas, agrados ou até mesmo nos terreiros de Umbanda etc., conhecedor dos truques, estratégias e dos elementos fundamentais da magia. O legítimo Malandro brasileiro que se transformou em sagrada Entidade nacional brasileira. O personagem Malandro que se destaca em diversas localidades do país, o Malandro que virou 'egum', não o egum de carga, mas sim um egum de luz, espírito desencarnado que ainda se encontra preso ao plano terrestre para fazer a caridade em processo de evolução. Trabalha em todas as linhas espirituais, tanto na direita quanto na esquerda da Umbanda, Quimbanda, Catimbó, Candomblé etc. Devido à sua vasta atuação em vários médiuns, em várias linhas por esse Brasil a fora, poderíamos até chamá-lo de o homem das mil faces.

Na Linha dos Malandros na Umbanda, há o Conselho dos Sete, que amparam e conduzem hierarquicamente essa falange, que se estende 7x7 infinitamente. Por isso é possível encontrar um número expressivo de entidades que se apresentam com o nome de Zé Pelintra, pois,

vários dos Malandros, com o tempo, acabaram se confundindo com o Zé Pelintra, que nessa linha é bem apimentado. Os Malandros são um agrupamento de espíritos que viveram suas reencarnações na pobreza e no sofrimento, mas souberam tirar da dor o humor e o jogo de cintura para driblar a miséria e o baixo astral. Por onde passam, esses espíritos levam alegria e arrancam sorrisos e gargalhadas, com seu samba no pé, sua ginga e malandragem, pois são o resultado da grande miscigenação cultural e racial brasileira, e retratam as populações marginalizadas, desfavorecidas, pobres e sofredoras dos morros e das periferias do país, tanto rurais quanto urbanas. (VIEIRA, 2015, p. 204)

Ou seja, seu Zé Pelintra juntamente com a sua falange dos Malandros se apresenta para vir fazer caridade, para vir em socorro de quem precisa. E, para que possa atuar de maneira certa, utiliza-se de indumentárias em que, as cores e os

acessórios indicarão a linha pelo qual ele atuará. Todos esses objetos são repletos de muito axé e usados corretamente, potencializa a intenção pela qual o trabalho, feitiço, ebó está sendo realizado.

Como já citado anteriormente, pode-se pedir ajuda para seu Zé Pelintra em qualquer circunstância, dia, hora e local. Contudo, como qualquer outra entidade, tanto para pedir quanto para agradecer é sempre bom oferecer as coisas que ele gosta. Isso demonstra que a pessoa conhece, tem consideração e gratidão pelo Mestre Zé. Além disso, é importantíssimo que a oferenda seja preparada pela própria pessoa, jamais se deve comprar nada pronto para ofertar. (VAZ, 2016).

Por ele ter sido um homem de hábitos simples, não é difícil agradá-lo, porém, há iguarias que ele adora, como por exemplo, comidas de boteco e pratos nordestinos para comer. Para beber, gosta muito de bebidas fortes naturais, não geladas. Para fumar, charutos e cigarros. Ademais, baralho, dados, fitas, moedas, velas. E, como complemento, entoar seus pontos para saldá-lo, homenageá-lo, exaltá-lo. Ele pode ficar tão satisfeito, que pode se manifestar no momento das entregas. (MENDONÇA, 2019).

O ponto cantado proporciona, portanto, a vibração necessária, o ambiente caloroso para o transe ocorrer e se manter. A ligação entre a música e a entidade é tão forte que, quando um ponto é cantado, mesmo fora do contexto do terreiro, mas num lugar onde se acende uma vela e se coloca um copo d'água, o espírito pode se manifestar. Pouco se lhe dá se o lugar escolhido é um quarto de dormir ou a sala de aula de uma escola. Zé Pelintra responde com tanta firmeza a esses cantos que, algumas vezes, mesmo sem nenhuma preparação prévia, o transe acontece. (LIGIÉRO, 2004, p. 64).

As cores que ele gosta são o vermelho e o branco, suas saudações são: “Saravá seu Zé Pelintra!”, “Salve seu Zé Pelintra!”, “Salve a Malandragem!”. Por fim, é bom entregar os presentes nas encruzilhadas, nas estradas ou nas esquinas. (OLIVEIRA, 2014).

Observa-se com todos esses dados, que tal qual as outras entidades, Zé Pelintra é um mistério divino, pois para atender as pessoas mais humildes que o procuram como um suporte definitivo para curar as dores e males físicos e/ou espirituais, ele se manifesta em vários lugares ao mesmo tempo, ou seja, é a vibração de um Zé que se espalha irradiando cura, força, luz, paz. (OLIVEIRA, 2014).

Há muitas histórias sobre a vida e a morte de seu Zé Pelintra, porém, pode-se observar por meio das narrativas que ele está mais vivo do que nunca, pois, vive como um encantado no Catimbó, e, também, no pensamento e no coração de cada pessoa desesperada que chama pelo seu nome clamando por sua ajuda.

## Metodologia

Esta pesquisa foi, essencialmente, qualitativa efetuada mediante a uma análise documental referente aos pontos e aspectos de evolução sociocultural da população brasileira delineando um estudo de caso.

Metodologicamente, serão utilizados os pontos de Zé Pelintra sob a ótica da análise de conteúdo de Bardin (2016) que estabelecendo a correlação entre as diversas áreas de conhecimentos irá considerar como categorias prioritárias as que apresentam os aspectos de negritude e resiliência.

Na primeira etapa da proposta de Bardin (2016) foi realizada uma pré-leitura (ou leitura flutuante) com foco de exploração e delimitação das marcações expressivas existentes nos pontos cantados.

Para isso, foram escolhidos 38 pontos de Zé Pelintra retirados de quatro livros distintos. São eles: “300 pontos de Exus e Pomba gira”, da autoria de Firmino Ferreira, (N/D): pontos: 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13 – p. 46 a 49; “Zé Pelintra: feitiços e magias” da autoria de Evandro Mendonça (2019): pontos: 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 – p. 177 a 183; ; “Fala Zé Pelintra: palavras de doutor” do autor Ademir Barbosa Júnior (2016): pontos 28, 29, 30, 31 – p. 52, 57, 108, 114) e “Zé Pelintra: são dotô, são dotô! Bravo sinhô!”, de Mizaél Vaz (2016): pontos: 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 – p. 141, 142, 143.

Ressalta-se que há inúmeros pontos de Zé Pelintra, mas neste estudo esses 38 pontos foram selecionados por estarem devidamente registrados e catalogados nos livros citados como base documental.

Após a seleção dos pontos foram identificadas as marcações encontradas nos pontos e destacadas nas categorias que refletem os aspectos de *negritude*, sabe-se que é uma forma dos africanos e os afrodescendentes retornarem às suas concepções culturais, ideológicas, religiosas que foram se perdendo ao longo dos séculos em função de tudo o que sofreram com seus colonizadores. Daí a

necessidade de os negros conhecerem, compreenderem, retomarem sua história e sua identidade, para tomarem, de forma ativa e consciente, seu importante papel na sociedade. (MUNANGA, 2020). A finalidade da negritude é buscar valorizar as especificidades das tradições culturais negra, combater as ações de discriminação, intolerância, racismo compreendendo na íntegra o que é ser negro e como seus ancestrais buscaram superar por meio da resistência e resiliência.

A *resiliência*, considerando os conceitos de Stancovich (2018), são as pessoas que mesmo passando pelos piores desafios, não se abatem, ao invés disso, mantem-se serenos para pensar (e agir) nas melhores formas de resolverem suas adversidades.

Compreende-se que o conceito de malandragem, faz parte da concepção de resiliência, por ser uma maneira de resistência, é, conforme Perissé (2012) o ato de um sujeito esperto, inteligente que busca se beneficiar e escapar de situações difíceis utilizando de toda a sua destreza e conversa. Afinal, essas atitudes ditas como de desrespeitos, injúrias, obstáculos que foram se apresentando são frutos de um conjunto de elementos (comportamentos, os laços afetivos, as ocupações, os objetivos) que compõem interações e classes pelo qual cada indivíduo integra.

Estas relações, interações e lutas são chamadas de *relações socioculturais*, visto que, a sociabilidade é algo inerente ao ser humano, que passa toda a sua existência se relacionando com variados tipos de sujeitos e nos mais diversificados ambientes, seja de forma espontânea ou por algum interesse próprio. Sem essa socialização, a sociedade como um todo não progrediria, e é a interação entre os indivíduos que faz com as sociedades evoluam. (MARTINS, 2006).

Os pontos em suas expressões foram categorizados em itens de referência aos quais foram identificadas e assim delimitadas.

É importante destacar o que se levou em consideração para nomear e categorizar cada uma das marcações.

A partir das marcações identificadas se estabeleceu as relações com os aspectos socioculturais da população brasileira no século XXI considerando os dados do SIS – Sistema de Indicadores Sociais<sup>19</sup> do IBGE no relatório socioeconômico de 2020.

Como apoio teórico dissertará sobre os fundamentos da: malandragem: Veras (2016); Capoeira (2015); negritude & racismo: Almeida (2019); Munanga (2020); religião: Barbosa Júnior (2014), (2016); Pacco (2020); Perissé (2012); Pinto

(N/D); Saraceni (2017); Trindade (2017); Ferreira (N/D); resiliência: Stancovich (2018); histórias de Zé Pelintra e seus pontos: Pacco (2020); Mendonça (2019); Souza (2019); Vaz (2016); entre outros.

### **Síntese da coleta de dados**

Considerando as referências encontradas nos 38 pontos, objeto deste estudo, percebe-se que alguns pontos há a incidência de aspectos que ligados a cultura, independentemente da época vivida, registra costumes válidos e vivenciados em vários momentos pelos personagens indicados nos pontos ou mesmo pelos ouvintes solicitantes de apoio e forças da entidade em si. Mostram que todos podem perpassar por momentos de fraquezas para fortalezas como reforça Ligiéro (2004) que enaltece que as letras buscam a magia da transformação e não a magia da ilusão. Então tem-se no geral os pontos cantados de Zé Pelintra apresenta 28 ocorrências que demonstram nos pontos *atividades de ações* vivenciadas nas letras como estabelecendo padrões de atitudes, posturas entre outros destaques sobre o seu Zé Pelintra.

---

120

Esse item de referência expõe um Zé Pelintra que vem para saudar os presentes, ressaltar quem é, de onde veio, por que vem, a quem obedece, por quem luta e porque vence, uma forma de se apresentar – seja por meio de trabalhos espirituais, ou utilizando atos como a capoeira (para defender, proteger, derrubar).

Para afirmar sua força, sua firmeza, seu poder perante as adversidades da vida. Aquele que está sempre presente nos momentos críticos daqueles que o tem como amigo e como grande parceiro. Alguns pontos explicam a relação sobre as mortes da e de entidade e de pessoas que o rodeiam, buscando estabelecer um convívio comum entre os elementos de vida e morte, como causa e efeito, razões e acontecimentos.

É possível que esses pontos descrevam percimentos reais e/ou conotativos, visto que ele talvez venha ou não a matar alguém fisicamente, mas sim tirar a pessoa da sua vida, do seu caminho, do seu pensamento. Em outros pontos aborda, inclusive, o abandono de fatos, de objetos, de indivíduos para trás como passos de evolução e sucesso de cada vida.

Outros pontos destaca o lado “esquerdo” da entidade, em que dependendo das atitudes de outrem, tomará atitudes bem drásticas para demonstrar aos inimigos que com ele não se brinca. Ele, seu Zé Pelintra, enquanto entidade por alguma razão, pode até tombar, mas rapidamente ele se levanta, e, quando isso acontece... sai da frente que vem chumbo grosso! Como se expressa nas letras dos pontos e vivência seus seguidores.

A manifestação de força e prontidão diante da vida aparece, igualmente, quando se refere a submarcação – perseguição policial – porque tanto pode se referir a seu Zé Pelintra estar sendo perseguido pela polícia, quanto pode estar falando dos aprisionamentos tanto físicos quanto espirituais.

Contudo, existe a possibilidade de estar explicando de que ele está continuamente em alerta sobre perdas, prejuízos ou armadilhas dos inimigos visíveis e invisíveis. Uma vez que ele detecte qualquer evento adverso, corre para trabalhar em socorro para libertar ou livrar seus protegidos dessas dificuldades.

Quanto ao comportamento destacou-se 44 ocorrências direcionando nas letras dos pontos como uma entidade que é protetora dos sujeitos que estão necessitados em geral, todavia em particular das mulheres, que o veem como um exímio defensor. Aquele protetor especificamente de mulheres agredidas, traídas, enganadas, maltratadas, enfeitçadas, perseguidas por homens violentos ou mesmo por pessoas ruins.

No contexto sociocultural pode-se fundamentar que seu Zé Pelintra, por tudo o que experenciou, destaca-se por ser uma entidade que está sempre envolvido no cotidiano vivido e pela possibilidade de interagir em ações de proteção e defesa dos mais necessitados, neste estudo destaca-se as mulheres.

Seu Zé Pelintra em diversos pontos é chamado de doutor, não apenas no sentido de ser um médico, mas também como doutor das causas difíceis, das causas perdidas, das causas impossíveis, como o médico dos pobres, como o advogado dos pobres, das comunidades. As letras o destacam pela sua competência de doutor e de protetor, por ser presente, por entender o que se passa no íntimo das pessoas. Isto é, por ter muito conhecimento para curar o emocional, espiritual e/ou fisicamente, e, ter a confiança dos que dele precisam, é normalmente chamado para atender aos necessitados.

É considerado um mestre curador porque faz cura, faz trabalhos de virada, faz trabalhos de magia, porque consegue transitar nas 7 linhas da Umbanda. Assim

como, nas demais religiões afro-brasileiras, normalmente seu Zé Pelintra trabalha em duas vertentes: como advogado, justiceiro do pobre, para aquele que não tem dinheiro nem recursos para procurar seus direitos, e como médico do pobre, que vem para cuidar, para tratar, para ensinar remédios para que a pessoa possa se curar.

Conforme Pacco (2020) explica que Zé Pelintra acompanhado de sua Falange de Malandros, tem autorização para trabalhar em todas as linhas e campos energéticos da Umbanda. Ou seja, pode atuar concomitantemente com todas as entidades de direita e de esquerda para ajudar a resolver problemas materiais ou espirituais de quem necessita e pede seu socorro.

Seu Zé Pelintra também poderá trabalhar como um Exu Guardião, que protegerá e defenderá a casa e as pessoas que lá estiverem. É ele quem permitirá que os trabalhos que estejam ou serão desenvolvidos possam acontecer de maneira segura. Muitos pontos falam bastante sobre os elementos que são relacionados aos Exus, como a encruzilhada, farofa, fundanga, porteira, tronqueira.

Nesse caso, esses pontos mostram o seu Zé Pelintra como protetor da casa, do terreiro. Ele será invocado não como mestre do Catimbó, mas sim como se fosse um Exu da Porteira, entidade protetora, que vai vigiar quem entra e quem sai ou toma conta do entorno para defender, para proteger a casa.

Com relação a malandragem, muitos pontos ressaltam o estereótipo mais corriqueiro para as pessoas, que é o lado mais leve, mais divertido, mais descontraído, mais brincalhão, mais desprendido de seu Zé Pelintra.

Também expressam fatos importantes, como por exemplo, sobre os tempos da história em que as pessoas marginalizadas simplesmente “desapareciam” por serem por vezes enterradas como indigentes. E, de que mesmo depois de morto, Zé Pelintra continua sendo visto, mesmo que nas encruzilhadas ou nos terreiros.

Moreira (2019) fala sobre os estereótipos e generalizações que fazem com que esses indivíduos sejam cada vez mais excluídos da sociedade, tais como: o malandro que mora no morro - fazendo referência geográfica com uma região carioca, aquele que sai de casa dando a impressão que vai trabalhar, mas na verdade vai pra fazer o que mais gosta, que é ir para sua boemia, jogatina, vida mundana, visto que, acentuam características que discriminam de maneira permanente jogando essas pessoas progressivamente para marginalidade.

Os pontos que falam sobre seu Zé Pelintra ser um grande feiticeiro, mostra que quem for contra as ideias de Zé Pelintra vai se dar mal. Mostram o lado agressivo e de esquerda dele. Sabe-se que existem as entidades de direita, que são ligadas aos orixás, guias de luz e pretos velhos; e, as de esquerda, que são as linhas de Exus. Nessas letras são reforçados um lado de seu Zé Pelintra “supostamente” ruim, mais carregado é pior que o que se imagina. É o famoso “comigo, o buraco é mais embaixo”.

Por essa razão, algumas letras mostram os dois lados de um mesmo Zé: a bondade e agressividade. Na direita “louva Jesus de Nazaré”, é bom, pois faz o bem, mas quando está virado na esquerda, é “melhor ainda”, visto que manda a maldade de volta para quem enviou, se vinga, mata, despacha. Não importando, muitas vezes, de quem se trata – família, amigos, conhecidos, inimigos – o tratamento será dado igualmente – seja bom ou ruim – a quem merecedor for.

Com maior número, neste estudo, ressalta-se as *relações socioculturais* em 60 ocorrências mostrando em alguns pontos a sua origem nordestina, suas vivências terrenas como negro, que não fazia parte da elite, e que, portanto, usava da sua malandragem para sobreviver, das suas paixões e relacionamentos que construiu enquanto vivo.

Demonstrando a sua competência e habilidade de enfrentar quaisquer demandas podem apoiar a todos os pedidos com resiliência e força, mesmo se apresentando com aspectos de malandragem em suas ações e aproximações.

São pontos que vêm propagar, explicar de quem se trata seu Zé Pelintra, de onde ele veio, quais são as suas origens, os costumes que possui, as coisas que gosta (e as que não gosta), os lugares que frequenta, o que faz (e até o que não faz de jeito nenhum).

Refere-se conjuntamente ao grupo de entidades pelo qual está inserido: os Gentileiros. Gentileiro é uma forma genérica de tratamento. É uma referência a um grupo de entidade, tal como os boiadeiros, marinheiros, mineiros, ciganos, entre outros. Os Gentileiros são referentes a entidades gentis, compostas por grupos de espíritos que em vida foram tidos como pessoas educadas, de grau econômico elevado, postos de autoridade, como por exemplo, príncipes, duques, generais, marqueses, barões, lordes comandantes etc. (MENESES, 1950).

Ou seja, eram pessoas que tinham alto grau social, econômico. Pessoas refinadas – gentis – educadas e não pessoas do povo, comuns (índios, caboclos,

pescadores, pretos velhos). Dentro do Tambor de Mina os gentis são os considerados pessoas de estirpe, de sangue real, de classe superior, mais elevados de status e posição. Exemplos: Barão de Goré, D. João rei de Minas, D. Luís rei de França, Princesa Luísa etc. (MENESES, 1950).

São distinções feitas entre as falanges para que se saiba como tratar, como receber. Para um melhor entendimento (para diferenciar do que são os Gentileiros de outros grupos), o povo de Légua é um povo mais simples, é o sertanejo, é aquele que tanto os homens quanto as mulheres tocam a boiada, andam na caatinga, vestidos de roupas de couro, são mais rústicos, mais barulhentos, mais pé no chão. (MENESES, 1950).

As ocorrências apresentam evidenciando bastante o cotidiano humilde que seu Zé Pelintra vivenciou e que é o mesmo das milhares de pessoas que fazem parte das classes sociais menos abastadas: as que são abandonadas, são negligenciadas, são vulneráveis a vários tipos de situações de risco. Além do mais, revelam o preconceito e a discriminação que sofrem pelas condições de vida e posição social que possuem.

Os excluídos – sociais e culturais – só são admitidos na categoria povo enquanto se comportam como corpos domesticados, corpos anônimos. Tornar-se sujeito, nesse âmbito, significa tornar-se marginal. Ao aproximarmos as representações do malandro e de Exu, encontramos na entidade de Seu Zé Pelintra o mediador mais que perfeito. Exu, materializado na figura do malandro, ganha historicidade, passado, data de nascimento. Seu Zé teria nascido em Pernambuco, mas sua mitologia logo se espalharia pelo Brasil. No rio de Janeiro, seu arquétipo foi prontamente identificado com o do malandro da Lapa. Como malandro carioca, Seu Zé, quando se manifesta, traja terno e gravata brancos, e chapéu panamá, não esquecendo a camisa de seda, que embeleza, ao mesmo tempo em que evita o corte da navalha (DEALTRY, 2009, p. 25).

Muitos pontos exaltam que seu Zé Pelintra entende as realidades de cada um, pois são marcados pela sociedade em que vivem, ou seja, o “negro do pé esparramado” significa que ele tem as mãos e os pés calejados pelo trabalho, pelo sofrimento, pela vida difícil. Por isso se identifica e se compadece tanto com os sofrimentos alheios, porque é vivido, porque tem conhecimento de causa, porque sofreu na pele muitas dificuldades.

Os pontos comumente dignificam o sentimento de orgulho que seu Zé Pelintra sente em falar da sua origem, da sua identidade enquanto negro, pobre,

sem estudo, mas que entrou e pode conviver com os vários tipos de pessoas, das mais humildes até as mais abastadas. Sabia entrar, portar-se e sair. Encarava qualquer circunstância, indivíduo, localização. Por esse motivo trajava-se muito bem e utilizava os conhecimentos que tinha da sua cultura e da sua esperteza para sobreviver “nesse mundo do pecador”.

Esta curimba, ou ponto, ilustra o profundo sentido do jogo presente no universo de Zé Pelintra onde ele atua com entidades comparsas e da mesma vibração. Se o negócio é subir a serra e sair do clima tropical, o malandro pode deixar de lado o tradicional lenço de seda que usa enrolado no pescoço como forma de proteger-se de eventuais navalhadas. Mesmo sabendo que só o que evita o corte da ‘sueca’ ou ‘solinja’ é a seda chinesa legítima, ele lança mão um cachecol de lã quentinha, protegendo-se com um acessório mais adequado ao clima. E lá se vai para a boa cidade no alto da serra. Além do cachecol, seu Zé leva a navalha, para a autodefesa, e o baralho-oráculo, passatempo e ganha-pão. Além de aferir ganhos com suas habilidades nas mesas do carteadado, ele também fatura lendo a sorte dos necessitados. (LIGIÉRO, 2004, p. 86).

A resiliência está presente em todos os pontos porque expressam toda a resistência que não somente seu Zé Pelintra, como quanto os negros em geral, sofreram e sofrem todos os dias, durante todos esses séculos árdios muito trabalho, adversidades, humilhações, carências. Eles vêm enfrentando e superando variados tipos de situações em que podem “cair”, mas levantam e seguem.

Em uma sociedade que marginalizava os negros, observamos que alguns malandros negros e mestiços tornaram-se renomados, infiltrando-se na vida da capital ainda que de modo clandestino, ora assumindo papéis secundários como os de leão-de-chácara, segurança particular e garçom, ora destacando-se como artistas do palco (músicos, cantores, palhaços), e, em muito menor escala, jogadores profissionais, com especialização no carteadado. (LIGIÉRO, 2004, p. 84).

No caso de seu Zé Pelintra, embora ele tenha vindo de uma origem extremamente modesta e tenha sido muitas vezes seja discriminado por causa da sua posição na sociedade, do seu título de malandro, da sua raça, ele, agora, é chamado de doutor – pode ser o advogado ou o médico – dos pobres, daquelas pessoas desprovidas de recursos para serem atendidas em suas causas, sejam essas, do corpo ou da alma. Por isso, sempre que solicitado, usa dos seus conhecimentos e da sua sabedoria e se coloca a serviço das pessoas que são do terreiro, ou seja, dos filhos do axé.

A despeito dos pontos estarem falando sobre as discriminações, sobre o racismo, sobre as dificuldades que os negros que enfrentam devido as classes sociais que pertencem, é possível reforçar esses dados por meio da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) – IBGE 2020<sup>20</sup>, que comprovam que os pretos e pardos estão entre os populacionais com maiores taxas de pobreza (17%). A região Nordeste é onde está concentrada a maioria das pessoas em situação de extrema pobreza. São 49,4%, ou seja, quase a metade da população brasileira.

Ainda segundo o IBGE<sup>21</sup>, a população ocupada preta e parda são as que ocupam cargos em que as atividades têm as menores remunerações ou trabalham na informalidade. A desigualdade no rendimento/hora é acentuada, principalmente entre os trabalhadores pretos ou pardos sem instrução ou com ensino fundamental incompleto.

Os pontos também apresentam 12 ocorrências de *vestimentas e acessórios* apresentando sua forma simples, porém, elegante e sedutora de se trajar de quando estava no plano físico, como também em como se apresenta quando vem da Aruanda, seja no Catimbó ou na Umbanda, para trabalhar em prol dos necessitados.

É importante lembrar que o vestuário pelo qual as pessoas usam no seu cotidiano é um indicativo direto da classe social a que pertencem, quem são e até o que não são, mas, que desejam aparentar.

Além disso, essas ocorrências trazem os elementos pelo qual seu Zé Pelintra usou durante a vida para se divertir e/ou se defender e, que agora, usa-as para realizar trabalhos e resolver o que está sendo solicitado ou que é necessidade para quem o procura.

Se, os seres humanos já nascem em uma determinada sociedade, nada mais natural que precisem e queiram estar inseridos em naquela comunidade, socializando, interagindo, relacionando-se uns com os outros. Visto que, tudo o que envolve um grupo social é dinâmico, transforma-se todo tempo, e, isso é que gera desenvolvimento econômico, político, social. Isto é, sem essa troca de experiências entre os indivíduos não haveria progresso em setor nenhum das coletividades.

Serão variados tipos de sujeitos com as mais distintas maneiras de agir, comunicar, pensar; que virão de localizações e culturas completamente diferentes. Essas vivências, geram uma diversidade de comportamentos que vão beneficiar um determinado grupo a alcançar ou permanecer em um patamar, em detrimento de

outro. A isso tudo se denomina como relações socioculturais, que seu Zé Pelintra sabia tanto como transitar e se dar bem.

Confirma-se, portanto, que as ocorrências acima estão diretamente relacionadas com as marcações básicas deste estudo, que se comprovaram presentes em todos os pontos. Então, negritude é a maneira que os negros (africanos e afrodescendentes) têm para compreender plenamente o significado do que é ser negro e como a ancestralidade deles buscaram resistir e combater enfaticamente as discriminações, intolerâncias, racismos. (MUNANGA, 2020). Ou seja, é trazer à tona os conhecimentos sobre suas histórias e identidade para que assim possam, ativa e conscientemente, valorizar suas tradições culturais, religiosas, sociais que foram se perdendo durante séculos e séculos de colonização e escravização.

E, a resiliência, que é a capacidade que o ser humano tem para resistir às adversidades que ocorrem e a capacidade que cada um tem para suportá-las e superá-las. Um indivíduo resiliente enfrenta os dissabores que surgem com calma e paciência para compreender o que está acontecendo, ter condições de pensar e agir com sabedoria e assim, poder sair das situações apresentadas (STANCOLOVICH, 2018). Ou seja, o resiliente é aquele que encara as tribulações que surgem em sua vida com sapiência, e, mesmo que sua integridade seja atingida, sairá dessas experiências difíceis por meio de ações eficazes e o sujeito, bem mais consolidado, experiente, fortalecido.

Esses aspectos são presentes nos pontos e podem ser referenciados nos acontecimentos de relações socioculturais presentes ao longo dos séculos inclusive no século XXI.

O quadro 60 foi produzido para sintetizar os elementos encontrados durante a coleta de dados e analisá-los conforme proposto, é possível fazer uma relação entre os itens de referência, as submarcações, as categorias de negritude e resiliência com os aspectos socioculturais do século XXI.

Vale salientar que a ocorrências das submarcações reforçam a proposta deste estudo delimitando as categorias de Negritude e Resiliência, assim considerando as *submarcações*: afirmação de força e poder, capoeira, morte, saudação, perseguição policial e questionamento, que se encontram na *marcação atividades de ações* reforçam que as categorias negritude e resiliência aparecem em 100% dos pontos.

Assim como as *submarcações*: apaixonado, conquistador, defensor de mulheres, feiticeiro, malandragem, vadiagem, trabalhador religioso e protetor, que se encontram na marcação *comportamentos* confirmam que a categoria resiliência aparece em 100% dos pontos e negritude em 90% dos pontos.

Completando as ocorrências das *submarcações*: ajuda, amigo, apresentação, elemento religioso, família, homem de fé, lenda amazônica e origem destacam-se nos aspectos das *relações socioculturais* confirmam que as categorias negritude e resiliência aparecem em 100% dos pontos e as *submarcações*: acessórios e vestuário que se encontram na marcação *vestimentas e acessórios* confirmam que as categorias negritude e resiliência aparecem em 100% dos pontos também.

Nesta análise, compreende-se que a categoria resiliência está presente nos 38 pontos objetos deste estudo e através das marcações e submarcações destaca-se que, em todos os pontos têm a presença de relações socioculturais bem confirmadas nas incidências de vestimentas e acessórios.

Discorrendo sobre esses resultados é evidente que há 100% de traços de resiliência em todos os 38 pontos de seu Zé Pelintra, uma vez que os padrões adotados de comportamentos, concepções, posturas que foram percorridos nos pontos escolhidos, são resultados de tudo o que ele vivenciou devido a sua classificação social e racial.

Exatamente por toda sua experiência enquanto ser humano é que como entidade ele se predispõe seja como Mestre do Catimbó ou entidade da Umbanda a auxiliar a quem o procura, a ser um amigo presente que ajuda na resolução dos problemas, sejam eles de cunho material ou espiritual.

Da mesma forma que seu Zé Pelintra em seus pontos, destacam que enfrentou as adversidades da vida, ele, agora, toma para si, as dores alheias. Combate e se prevalece sobre os inimigos e demandas daqueles que estão desesperados, e, faz isso utilizando as mandingas que apreendeu durante a vida e sua incomparável malandragem. Comportamento esse, que milhares da sua raça tiveram que experimentar e aplicar para poderem sobreviver em sociedades amplamente racistas.

A partir de iniciada a deportação por meio do tráfico negreiro, os negros procuraram maneiras de organizar, planejar, executar ações para se rebelarem e resistirem às situações a qual estavam subjugados. Isso perpassou pela

escravização, pela abolição e por todos os percalços que eles vêm passando desde então.

O resiliente é como a água, que sempre vai buscando novos caminhos para seguir em frente. Precisa ter calma, paciência, tranquilidade para agir no momento certo, isto é, necessita estar atento e concentrado às situações para determinar em que momentos deve recuar ou avançar, saber aproveitar-se das oportunidades que surgem.

A dificuldade que os dominadores colocaram (e ainda continuam colocando) para inserir os negros em todas as esferas sociais, a tentativa de inferiorizá-los, embranquecê-los, enfraquecê-los fez com que se juntassem para lutar pelos seus direitos como um todo. O que n. (MUNANGA, 2016).

Isso porque, não há nada que comprove cientificamente que as características que podem ser observadas em um indivíduo tenham algum componente que possa fazer com esse ser seja considerado superior ou inferior. E, mesmo, geneticamente, a partir das grandes navegações, quem pode garantir ter uma genética inalterada, visto que, os seres humanos do século XXI são a consequência da interseção de povos diversificados. (SANTOS, 2005)

Percebe-se então, que as conceituações de raça e racismo vão se remodelando ao longo da história, pois, nada mais são que uma estratégia dos grupos dominantes para manter-se no comando das sociedades, uma vez que, envolve questões culturais, econômicas, políticas, sociais desses agrupamentos.

Podemos dizer que o racismo é que uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019, p. 26).

Refletindo sobre a maneira de como eram tratados os cativos (indígenas e africanos) pode-se ver que a escravização na época da “descoberta” e exploração das riquezas brasileiras mudou de forma, mas não foi extinta. A maneira como eram vistos e tratados em pleno século XXI, continua quase a mesma, pois, o desprezo que os colonizadores tiveram pela cultura dos africanos, somado às imposições para que eles aderissem e passassem a viver como cristãos, abandonando seus credos e cultos são persistentes. (SANTOS, 2005).

As condições de escolarização, vida, trabalho ainda são precárias. As oportunidades que são apresentadas aos afrodescendentes, nos grupos sociais, são

ínfimas diante das possibilidades que uma pessoa da branca e da elite pode experimentar. (MOREIRA, 2019).

O mesmo aconteceu com seu Zé Pelintra. Afinal, ele era negro, nordestino, pobre, que construiu sua maneira própria e “malandra” para burlar com coragem, maestria, habilidade, capacidade de resiliência as discriminações e racismos que a vida ia lhe apresentando. Isto é, desfrutou de relacionamentos amorosos e amistosos conforme foram acontecendo e ele pudesse monitorar.

Adentrou e usufruiu de diversos tipos de lugares, utilizando-se de trajes e acessórios que o deixavam elegante, mesmo que esses fossem simples, seu Zé sabia impor sua presença com incomparável carisma e sofisticação. Ou seja, seu Zé quando vivo encantava pelo seu charme inigualável, e continua fascinando, agora como uma entidade, que não se sabe ao certo, foi encantada.

Em outras palavras, seu Zé se adequava aos lugares, pessoas e situações. Era um sobrevivente, um resiliente, que agia, falava, praticava o que lhe era ofertado. Agarrava as oportunidades e usava a sua esperteza, a sua malandragem para atingir os seus objetivos ou se achegar às pessoas que desejava. No momento, como espírito, faz o mesmo, só que se utiliza de artifícios e conhecimentos para assistir aqueles que o procuram pedindo socorro.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa fundamentou-se em uma análise documental, delimitada em 38 pontos cantados de Zé Pelintra retirados e devidamente documentados de quatro livros diferentes: 300 pontos de Exus e Pomba gira (Ferreira, N/D), Zé Pelintra: feitiços e magias (Mendonça, 2019), Fala Zé Pelintra: palavras de doutor (Barbosa Júnior, 2016) e Zé Pelintra: são dotô, são dotô! Bravo sinhô! (Vaz, 2016).

Utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2016) estabeleceu-se uma correlação entre distintas áreas de conhecimentos as quais foram consideradas como categorias a serem analisadas os aspectos de negritude, resiliência e relações socioculturais. E, por meio de uma leitura flutuante foram escolhidas as marcações mais significativas que surgiram nos pontos cantados. E, após essa fase, foram também exploradas, delimitadas e agrupadas as submarcações de cada uma delas.

Foram validadas, de acordo com objetivo geral: compreender, através dos pontos de Zé Pelintra, as marcações expressas de negritude, e resiliência e as suas relações socioculturais da população brasileira, desta forma, percebeu-se que mesmo considerando a atemporalidade de criação e de momentos de louvação através do uso dos pontos cantados de seu Zé Pelintra, há marcações expressas de negritude, resiliência e é possível equalizar as suas relações socioculturais da população brasileira a qualquer momento seja do cotidiano ou de fatos históricos brasileiros.

Relacionar as marcações com os aspectos socioculturais da população brasileira; foram amadurecidos o processo de compreensão das incidências e identificação das marcações contidas nos pontos e relacioná-las com os aspectos socioculturais da população brasileira, validando as o que se evidenciou em todos os pontos deste estudo.

Considerando isso, a problemática da pesquisa se encaminhou para os aspectos de reflexões que se destacam através dos pontos como características que se sustentam com a representatividade sociocultural da população quanto as marcações de negritude e resiliência através dos aspectos de destaques existentes nos pontos fazendo com que a representação da entidade Zé Pelintra realmente espelhe características peculiares e brasileiras através da Umbanda.

## NOTAS

- \*. Estudo refere-se a tese *Negritude e resiliência: aspectos socioculturais nos pontos de Zé Pelintra*, de autoria de Carla Regina Santos Paes, defendida em dezembro de 2022 no PPGCLC-Unama/Ser.
- <sup>1</sup>. Nesta pesquisa está sendo usada a expressão religiões “afro-brasileiras” com a plena consciência de que os indígenas tiveram uma participação muito importante na composição de cada uma delas e que, por essa razão essas religiões deveriam ser denominadas como “afro-indígenas brasileiras.
  - <sup>2</sup>. Embora em algumas produções apareça escrito o nome do seu Zé como “Pilintra”, resolveu-se padronizar utilizando neste trabalho como “Pelintra”, cujo significado segundo Oliveira (2014, p. 21): 1. Aquele que é pobre e mal-ajambrado, mas pretende fazer boa figura. 2. Que ou aquele que não tem vergonha pelo seu procedimento condenável; descarado, safado, sem-vergonha.
  - <sup>3</sup>. Pinto (n/d., p. 197) diz que o significado da palavra Umbanda é “em linguagem oriental antiga, a palavra UM, que significa Deus, e BANDA, também da mesma origem, quer dizer agrupamento, legião.

4. Pela Lei nº 12.644, de 16 de maio de 2012 ficou instituído o Dia Nacional da Umbanda. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112644.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112644.htm).
5. Conhecidas como Linhas de Umbanda.
6. Malandros foram pessoas que em vida foram discriminados e marginalizados pela sociedade. São considerados feiticeiros, especialistas em defender os indivíduos que os procuram de males físicos e/ou espirituais.
7. Para Pacco (2020) não é porque trabalham na Linha de Malandro que obrigatoriamente tenham sido malandros quando vivos. Na verdade, são guias espirituais ligados pelo mesmo grau de evolução e vibratório, que tem uma grande diversidade de saberes e que trabalham harmoniosamente em qualquer linha e/ou vibração.
8. Para Barbosa Júnior (2014) chama-se Jurema uma espécie de Acácia, e, também para se referir a uma religião que também é conhecida como Jurema Sagrada, Catimbó-Jurema ou somente Catimbó.
9. Segundo Santos (2021) Catimbó é uma religião em que estão agregados rituais africanos, europeus, indígenas e nordestinos. Eles possuem suas próprias doutrinas e rituais. Cultuam a árvore da Jurema, de onde tudo se aproveita: as raízes, as cascas, as folhas e as sementes que são utilizadas para produzir os banhos, bebidas e defumações que são utilizados em todos os rituais.
10. Pontos preparatórios de invocação, de chamamento. Podem ser cantados pelos Babalorixás (ou lalorixás) ou pelos dirigentes dos terreiros para preparar o ambiente, preparar a energia do local para invocar ou receber as entidades. Isto é, são pontos que preparam a chegada ou de anúncio para que elas possam vir. Normalmente trazem uma carga histórica, que enaltecem a entidade. Quando chega, ela mesma puxa, canta, ensina as pessoas durante as suas vindas e passagens dentro dos terreiros e das sessões que envolvam suas presenças. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
11. Quando os guias acham importante combater algum perigo. São pontos de virada, de ataque. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
12. Para fortalecimento de trabalhos em andamento. Esses pontos têm como finalidade de trabalhar sem necessariamente ter um ponto firmado ou uma obrigação arriada, mas trabalhar no tempo, trabalhar no astral, incorporado no médium, diante do tambor, invocando as forças espirituais e direcionando inevitavelmente um compromisso para um trabalho de libertação para ajudar algum filho em alguma situação pelo qual ele precise se livrar. Pode ser a libertação de um prejuízo, uma perda, uma armadilha, um inimigo. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
13. Na intenção de louvar, demonstrar respeito, reconhecer os feitos. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
14. Cantados antes de giras e trabalhos para que as entidades evocadas afastem qualquer adversidade que possa vir a ocorrer. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
15. São pontos cantados normalmente em momentos em que a entidade começa a trabalhar, apesar de enaltecê-lo, de reforçar algumas de suas características. São utilizados inclusive em momentos de radiação das entidades em trabalhos, quando se invoca ou está presente para que ele traga força e reúna uma egrégora em volta do trabalho que está sendo feito. (BARBOSA JUNIOR, 2014).
16. Embora a Umbanda, religião, seja apenas uma, a Umbanda que foi pesquisada neste trabalho é a religião que é praticada em Belém do Pará, região norte do Brasil. Por ser uma religião viva, fundamentada na oralidade, está em constante movimento, transformação, adaptação e assume em cada local em que é praticada suas próprias peculiaridades e essa diversidade proporciona a liberdade para que seus praticantes façam adaptações.

- <sup>17</sup>. Forma como as entidades se referem aos médiuns.
- <sup>18</sup>. A incorporação perfeita ou completa é aquela na qual o médium perde toda a consciência do que se está passando nele próprio, ou no ambiente onde se encontra. A incorporação é imperfeita, quando o Protetor não toma conta de modo completo do aparelho acontecendo isso porque o médium não foi bem desenvolvido, ou por qualquer outro motivo, como, por exemplo, a impossibilidade mesmo de um completo desenvolvimento, pois existem médiuns que, por motivos que não conhecemos, não podem ser desenvolvidos. Todavia, neste caso, pode-se tentar o desenvolvimento fazendo o médium ser examinado por um vidente. Se mesmo assim nada se conseguir, então é porque esse médium só poderá ter a sua mediunidade desenvolvida noutra reencarnação. (PINTO, n./d., p. 100).
- <sup>19</sup>. O Sistema de Indicadores Sociais (SIS) investiga as condições desiguais de vida em virtude da heterogeneidade da população brasileira. A abrangente coleta de dados fundamentais ajuda a visualizar as desigualdades e seus impactos na sociedade. IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=o-que-e>.
- <sup>20</sup>. Disponível em: <https://ifz.org.br/2021/12/04/sintese-de-indicadores-sociais-ibge-2020/>.
- <sup>21</sup>. Disponível em: <https://ifz.org.br/wp-content/uploads/2021/12/IBGE-SIS-Sintese-dos-Indicadores-Sociais-2021.pdf>.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: S. Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE JUNIOR, Lourival. “Adorei as Almas”: Umbanda, Preto velho e escravidão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIALOGO SOCIAL. 27., Natal, 2013. Disponível em: [http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364730161\\_ARQUIVO\\_Adoreiasalmas-XXVIISNH-textocompleto.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364730161_ARQUIVO_Adoreiasalmas-XXVIISNH-textocompleto.pdf).
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *Fala Zé Pelintra: palavras de doutor*. São Paulo: Anúbis, 2016.
- BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Almedina, 2016.
- DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- FERREIRA, Firmino. *300 pontos de Exus e Pomba gira*. 18. ed. Rio de Janeiro: Eco, s./d.
- LIGIÉRO, Zeca. *Malandro divino*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2004.
- MARQUES, Francisco Claudio Alves. Algumas considerações sobre a umbanda e candomblé no Brasil. *Revista Contemplação*, 2017. Disponível em: [revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/138/155](http://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/138/155).
- MARTINS, Carlos Benedito. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MENDONÇA, Evandro. *Zé Pelintra: feitiços e magia*. São Paulo: Anúbis, 2019.
- Carla Regina Santos Paes, Douglas Junio Fernandes Assumpção, Analaura Corradi

- MENESES, Heraldo. *Caboclos na Umbanda*. 2. ed. Livraria para todos, 1950.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: S. Carneiro; Pólen, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.
- OLIVEIRA, Marcel. Zé Pelintra: a revelação. *Blog Livro espírita*. 12 jul. 2014. Disponível em: <https://blogdolivroespirita.com/2014/07/ze-pelintra-revelacao-marcel-oliveira.html>.
- PACCO, Eliana. *Os mistérios da Umbanda*. São Paulo: Vozes de Aruanda, 2020.
- PAES, Carla Regina Santos. *Exus: a Voz Literária nos pontos cantados*. Belém, 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia.
- PAES, Carla Regina Santos. *Negritude e resiliência: aspectos socioculturais nos pontos de zé Pelintra*. 2022. Dissertação (Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia.
- PERISSÉ, Gabriel. *Palavras e origens*. 2. ed. rev. atual. e amp. São Paulo: Saraiva, 2012.
- PINTO, Altair. *Dicionário da Umbanda*. 6. ed. Rio de Janeiro: Eco, s./d.
- ROCHA, Gilmar. Navalha não corta seda: estética e performance no vestuário do malandro. *Tempo*, v. 10, n. 20, p. 121-142, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042006000100007>.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SARACENI, Rubens. *Doutrina e teologia de umbanda sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor a vida*. São Paulo: Madras, 2017.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- STANCOLOVICH, Érica. *Resiliência: vença o stress e controle a pressão antes que eles dominem você*. São Paulo: Literare Books Internacional, 2018.
- TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Manual de Umbanda para iniciantes*. São Paulo: Sativa, 2017.
- VAZ, Mizael. *Zé Pelintra: são dotô, são dotô! Bravo sinhô!* São Paulo: Madras, 2016.
- VERAS, Ernesto Lima. *Salve a Malandragem! Origem, medo e preconceito*. Los Angeles: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2016.
- VIEIRA, Lurdes de Campos. *Os guias espirituais da umbanda e seus atendimentos*. São Paulo: Madras, 2015.

**Carla Regina Santos Paes** é Doutora e Mestre pelo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos de Capital Social e Cultural (UNAMA/CNPq).

**Douglas Junio Fernandes Assumpção** é Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura e Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UNAMA. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Capital Social e Cultural” (UNAMA/CNPq) e Vice-líder do “ECCOS - Estudos sobre Comunicação, Consumo e Sociedade” (UFPR/CNPq).

**Analaura Corradi** é Doutora em Ciências Agrárias em Agroecossistemas Amazônicos pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas. Vice-líder do Grupo de Estudos “Capital Social e Cultural” (UNAMA/CNPq).

**Como citar:**

PAES, Carla Regina Santos; ASSUMPÇÃO, Douglas Junio Fernandes; CORRADI, Analaura. Resistência cultural africana religiosa nos pontos de Zé Pelintra. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 111-135, jan./jun. 2023. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).